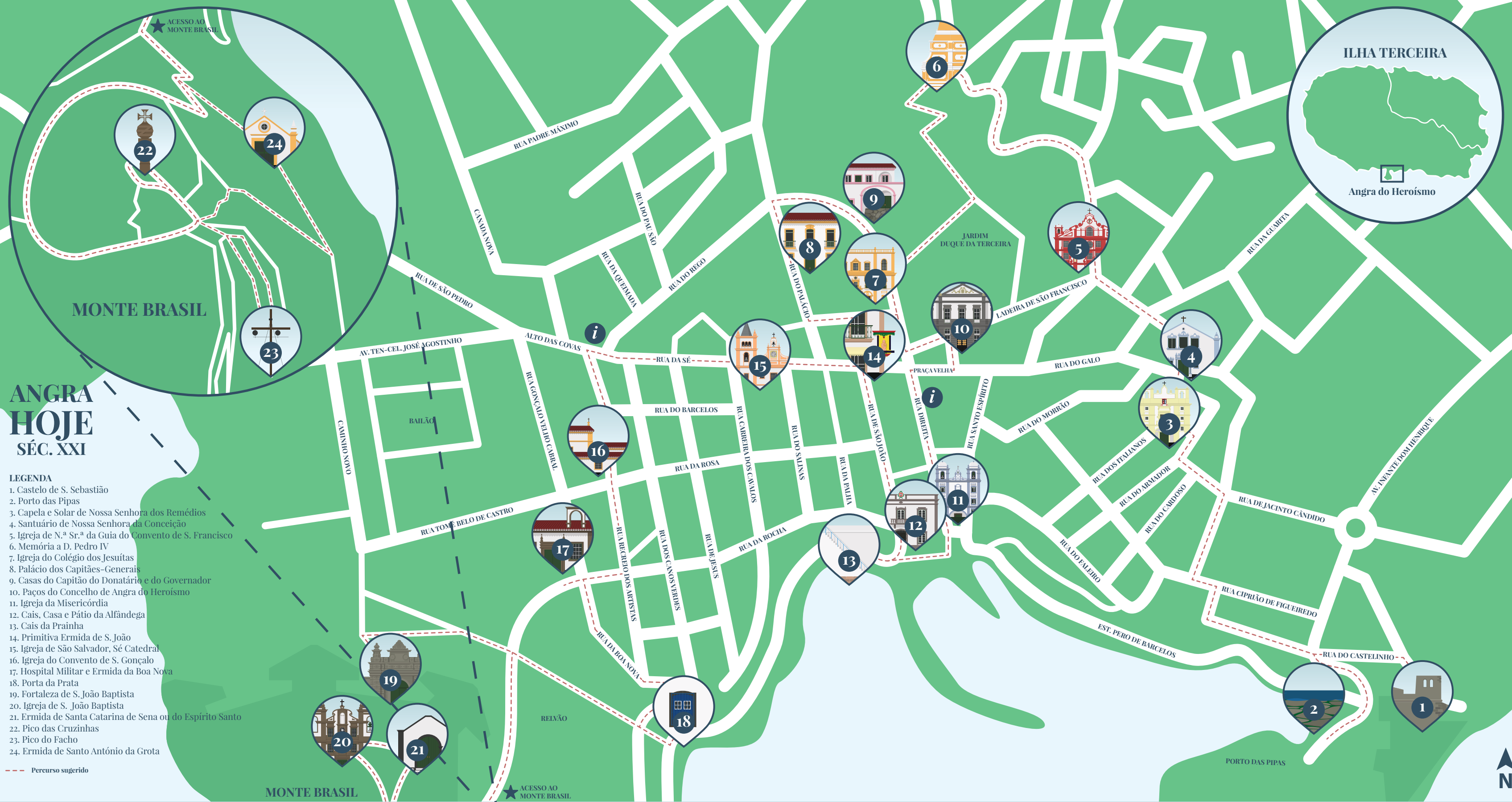


ANGRA OUTRORA

Desde os inícios do povoamento, que ocorreu por volta de 1450, Angra, a pequena vila desde 1478, seria escolhida como um local geoestratégico privilegiado: virada a Sul, em pleno Oceano Atlântico, com potencial para o desenvolvimento de um entreposto marítimo e comercial de destaque, como aliás viria a acontecer com o estabelecimento da Província das Armadas, em 1527. Angra foi elevada a cidade por alvará de D. João III, a 21 de agosto de 1534, e consagrada a sede de bispado, nesse mesmo ano. O rei fez dela uma cidade-monumento que, aos poucos, foi substituindo as toscas e pequenas ermidas, por grandes e belas igrejas conduzidas por ruas largas e direitas.

As primeiras cartas, efetuadas a partir dos primórdios do século XVI, só viriam a ganhar maior amplitude em 1595 pelo holandês, oriundo de Haarlem, Jan Huygen van Linschöten, que, em passagem pela ilha, desenha a baía e a cidade. A precisão e detalhe deste documento histórico incontornável são o resultado da sua condição de pseudoespião e são o testemunho visível do que outrora chegou até nós: a monumentalidade dos edifícios religiosos e civis era já bem o prenúncio de uma cidade que crescia para além dos seus próprios limites. O Castelo de São Sebastião, a Casa da Câmara com praça e pelourinho, a Sé inacabada, o estaleiro da Prainha, a Casa do Capitão são sinais visíveis de uma monumentalidade centrada numa ilha, consagrada na frase de Gaspar Frutuoso como “Universal Escala do Mar Poente”. A Terceira, além de documentada no mapa, foi ainda descrita por Linschöten como “riquíssima por causa da sua produção de trigo, com as suas fortificações é considerada a principal ilha por ser a residência do bispo, do governador, do senado régio e de outras autoridades”.

Angra, a cidade, cujo nome é representativo da sua função de porto de abrigo, foi um ponto obrigatório no sucesso da expansão marítima europeia, e que ousou dar novos mundos ao mundo. Arrasada pelo terramoto de 1 de janeiro de 1980, soube reerguer-se estoicamente sem apagar o rosto característico das suas ruas, dos seus monumentos e das suas casas. A 6 de dezembro de 1983, foi reconhecida por esse feito histórico e globalizante pela UNESCO quando integrou a lista de Património Mundial da Humanidade.



- LEGENDA**
1. Castelo de S. Sebastião
 2. Porto das Pipas
 3. Capela e Solar de Nossa Senhora dos Remédios
 4. Santuário de Nossa Senhora da Conceição
 5. Igreja de N.ª Sr.ª da Guia do Convento de S. Francisco
 6. Memória a D. Pedro IV
 7. Igreja do Colégio dos Jesuítas
 8. Palácio dos Capitães-Generais
 9. Casas do Capitão do Donatário e do Governador
 10. Paços do Concelho de Angra do Heroísmo
 11. Igreja da Misericórdia
 12. Cais, Casa e Pátio da Alfândega
 13. Cais da Prainha
 14. Primitiva Ermida de S. João
 15. Igreja de São Salvador, Sé Catedral
 16. Igreja do Convento de S. Gonçalo
 17. Hospital Militar e Ermida da Boa Nova
 18. Porta da Prata
 19. Fortaleza de S. João Baptista
 20. Igreja de S. João Baptista
 21. Ermida de Santa Catarina de Sena ou do Espírito Santo
 22. Pico das Cruzinhas
 23. Pico do Facho
 24. Ermida de Santo António da Grota
- Percurso sugerido

ANGRA DO HEROÍSMO

CIDADE TRANSATLÂNTICA

A centralidade, a riqueza do solo, a segurança da baía e a sua monumentalidade fizeram de Angra do Heroísmo uma cidade com reconhecimento histórico mundial. Ligada à expansão marítima associada a ideias ou crenças de uma importância ou significado histórico considerável, esta cidade portuária, intercontinental, por excelência, foi escala obrigatória das frotas da América do Sul, de África e das Índias, assim decretada por Vasco da Gama, em 1499, sendo precisamente nesse ano que, de passagem por Angra, escolhe o local onde hoje se situa a Igreja de Nossa Senhora da Guia para sepultar o seu irmão mais velho, Paulo da Gama.

Angra, a mais antiga cidade dos Açores, a segunda no Atlântico. Por ela passaram os principais momentos da história da expansão portuguesa e europeia. Por ela se negociaram as especiarias, os metais preciosos das Américas, os tecidos nobres, as madeiras e os marfins, as têmperas e a imaginária religiosa. Povos vinham, iam e ficavam formando uma mescla demográfica sem paralelo. Angra fora um centro no mundo. Nela, Filipe II construiu a sua maior fortaleza, considerada o maior reduto fechado da Europa depois da crise de sucessão de 1580-1583 em que, heroicamente, Portugal foi apenas a ilha Terceira, o último torrão do extinto reino. Em 1828, torna a dar provas da sua valentia sendo nomeada, novamente, para capital de Portugal. Angra mostrou-se à altura do cargo, quando se torna um centro do liberalismo. Dela partem os homens que viriam a redigir a primeira Carta Constitucional. A sua Câmara Municipal viria a ser, em 1831, a primeira eleita em todo o país consoante os preceitos da renovada monarquia e viria a ser condecorada, em 1837, pela rainha D. Maria II com a mais alta insígnia do Estado Português: a Grã Cruz da Ordem Militar da Torre e Espada, Valor, Lealdade e Mérito, acrescentando ao título de “Heroísmo” o de “Muito Nobre, Leal e Sempre Constante” pelos serviços prestados durante a guerra civil.



Este roteiro permite-lhe visitar os principais pontos e estruturas da cidade de Angra.

Viajando ao longo dos seus cinco séculos de história, terá oportunidade de conhecer o património edificado que marca as diferentes épocas e estilos e que é o testemunho das vivências de uma cidade portuária e cosmopolita que deu novos mundos ao mundo. A sua posição geoestratégica confunde-se com o traçado retilíneo e moderno das suas ruas: aberta ao mar, Angra funcionou como ponto de escala obrigatória na época dos descobrimentos, um oásis no meio do oceano atlântico para os navegadores, um abrigo contra os piratas e corsários que cobicaram a sua riqueza e diversidade.

Faça parte da história, viajando no presente!



ANGRA: HOJE E OUTRORA

Roteiro interpretativo pelos cinco séculos de história da cidade transatlântica



